



REFLETINDO A ADOÇÃO DA CATEGORIA GÊNERO COMO SUBSÍDIO PARA A QUALIFICAÇÃO DO CUIDADO EM ENFERMAGEM

Lais Vasconcelos Santos (1); Ádylla Maria Alves de Carvalho (2) Keiliane Ribeiro de Souza (3);
Trycia Ryane de Freitas Silva (4); Mikael Lima Brasil (5)

Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. E-mail para contato: lais_lvs@hotmail.com

RESUMO: No ensino de enfermagem, identifica-se a necessidade da adoção da categoria gênero para as(o)s futuras(o)s profissionais refletirem desde a história dessa profissão tendenciada a padrões femininos de submissão, bem como entender determinadas práticas de assistência à saúde e de enfermagem, compreender as políticas públicas de saúde (alcance e consequências), ampliando os olhares para possíveis desigualdades de gênero. O objetivo ora apresentado constitui em refletir a adoção da categoria gênero como subsídio para a qualificação do cuidado em enfermagem. Em linhas metodológicas, trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência. A escrita desse trabalho foi proposta a partir do desenvolvimento de duas atividades pela autoria no mês de março e abril de 2016, abordando a interface de gênero e saúde para discentes do primeiro, oitavo e nono período do curso de enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande/campus I. Na estruturação dos resultados e discussões, optamos por abordar inicialmente *as percepções alcançadas* nas vivências, organizando-as em: *Primeira atividade: Gênero, feminismo e Enfermagem* e *Segunda Atividade: Gênero e Saúde implicações na assistência de enfermagem*. Consequente apresentamos as análises em: *Refletindo as vivências*. Compreender saúde para o além do antônimo de doença é uma conceituação e ação necessária para modificar as práticas, políticas públicas e modelos de assistência vigentes, e nessa compreensão de considerar determinantes sociais do processo saúde doença, entende-se que a categoria gênero é imprescindível para formação de enfermagem. Evidencia-se que a formação profissional deve ser pensada e adotar o gênero como categoria transversal para integrar os componentes curriculares.

Palavras-chave: Gênero, Enfermagem, Feminismo, Políticas públicas.

INTRODUÇÃO

O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Leonardo Boff

Guiando-se pelas palavras de Leonardo Boff, escolhidas para iniciar este trabalho, começamos nessas linhas iniciais a refletir um processo necessário para as práticas de saúde: O cuidado. Esse, que norteia as ações, atividades, assistência dessas/desses profissionais, que por vezes deixam-se

influenciar por um modelo técnico, medicalizado, atendendo a um sistema regido pelo capital. Mas, que deveriam deixar-se sensibilizar por atitudes inerentes do humano e deixar-se conduzir ao atender as(os) usuárias(o) sentindo-os, para conseguir agir em prol da melhoria do eu e da(o) outra(o), sem julgamentos e tornando-as(os) protagonistas do seu próprio cuidado.

Em face desse direcionamento, precisamos aqui situar que o conceito de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

saúde perpassa ao achismo de oposição à doença e se inclui em uma interface de construção social, pois engloba determinantes e condicionantes do processo saúde-doença relacionado ao histórico, social, psicológico, espiritual, bem como se aplica as relações que se dão entre instituições e pessoas, mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens (COSTA; COELHO, 2013).

Assim, a adoção de gênero na formação e assistência de saúde é uma necessidade evidente na sociedade contemporânea. Gênero, sendo compreendido para o além do dualismo biológico, pois como coloca Butler (2013) esse remete ao ser dotado de um sexo, que ao longo da vida adquire variadas influências de um convívio social que possibilitam a construção de sua/s identidade/s.

Para Louro (2000) os corpos, no decorrer de sua existência e vivências de contextos, são acrescidos de marcas culturais que conduzem os estímulos para construção dos gêneros, e também possibilitam os moldes e opções de vivências da sexualidade, maneiras de expressar as vontades, desejos e prazeres, impostas pelas redes de poder da sociedade, que estabelecem padrões compostos e definidos pelas relações sociais.

Relacionado à atenção em saúde, estudo aponta que a assistência realizada pelas(os) profissionais mostram-se regidas

por valores heteronormativos e biologizantes, onde permanecem atendimentos relacionando as mulheres ao exercício da reprodução, os homens às práticas sexuais e invisibilizando a comunidade LGBT (PINHEIRO; COUTO, 2013).

No que concerne ao ensino de enfermagem, identifica-se a necessidade da adoção da categoria gênero para as(os) futuras(os) profissionais refletirem desde a história dessa profissão tendenciada a padrões femininos de submissão, bem como entender determinadas práticas de assistência à saúde e de enfermagem, compreender as políticas públicas de saúde (alcance e consequências), ampliando os olhares para possíveis desigualdades de gênero (MUROYA; AUAD; BRETAS, 2011).

Sendo assim, o objetivo ora apresentado constitui em refletir a adoção da categoria gênero como subsídio para a qualificação do cuidado em enfermagem.

METODOLOGIA

A escrita desse trabalho foi proposta a partir do desenvolvimento de duas atividades pela autoria no mês de março e abril de 2016, abordando a interface de gênero e saúde para discentes do primeiro, oitavo e nono período do curso de enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande/campus I.



Em linhas metodológicas, trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência. Adotou-se a reflexão sistematizadora para a organização desse estudo. Conforme Holliday (2006) a reflexão sistematizadora aproxima-se da dinâmica das experiências se encontrando com processos sociais vivos e complexos, ao perceber suas relações a partir da própria lógica e extrai ensinamentos que possam contribuir tanto com a teoria, quanto com a prática.

CIDAC e Holliday (2007) apontam cinco etapas norteadoras do método de sistematização de experiências, a saber:

O ponto de partida: participação das rodas de conversa no curso de enfermagem;

As perguntas iniciais: Quais as percepções sobre gênero de discentes de enfermagem no primeiro período e nos períodos finais? Qual a importância da discussão de gênero na formação de enfermagem?

Recuperação do processo vivido: escrita do relato;

Reflexão de fundo e pontos de chegada: análise e reflexão do processo.

A abordagem indicada é a de natureza qualitativa, pois essa responde a questões muito particulares e está voltada a percepções e um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 2010). Para análise

iremos adotar a literatura pertinente a temática.

Na estruturação dos resultados e discussões, optamos por abordar inicialmente *as percepções alcançadas* nas vivências, organizando-as em: *Primeira atividade: Gênero, feminismo e Enfermagem* e *Segunda Atividade: Gênero e Saúde implicações na assistência de enfermagem*. Consequente apresentamos as análises em: *Refletindo as vivências*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeira atividade: Gênero, feminismo e Enfermagem

Dialogar sobre gênero, feminismo e suas interfaces com a enfermagem foi uma experiência um tanto reflexiva que se desdobram em dois pontos principais: primeiro o *antes* das pessoas ali presentes que traziam em suas falas marcas dos padrões heteronormativos que regem nossa sociedade, e o quanto essas influenciam na reprodução de pensamentos e falas de um sistema educativo que foi imposto durante a jornada escolar. Essa marcada por conteúdos normativos, tradicionais, não possibilitando a reflexão, compreensão do meio em que vivem e da importância histórica de movimentos e categorias de análises para termos uma educação libertadora.

Nesta direção, nos deparamos com normas que ditam os comportamentos de



acordo com o sexo, que são reproduzidas pelas instituições sociais, sendo a família e a escola as principais representantes (FERREIRA; NASCIMENTO, 2004). E esses moldes comportamentais influenciam a vida das crianças e adolescentes alvos desse processo de socialização.

O segundo ponto gerado foi relacionado à alta carga de repetições faladas regidas por *preconceito*, acarretando distanciamento do aprender o novo, pelo simples fato de associações trazidas, tendo feminismo como um movimento extremista, gênero como algo de transformação do “normal, acarretando uma sequência de fobias incalculável.

Diante as linhas de pensamentos supracitadas convergirmos para as indagações, a saber: o quanto as marcas sociais trazidas pelas pessoas influenciam no seu processo de formação? O quão isso implica na atuação profissional?

Segunda Atividade: Gênero e Saúde implicações na assistência de enfermagem

Ao apresentar a interface gênero e saúde e trazer um resgate do movimento feminista como base para pensar a profissão de enfermagem e suas lutas sob a dominação masculina, para alunas nos períodos finais do curso foi perceptível que a prática e a necessidade ao se deparar com a realidade que demanda reflexões e ações integrais,

transversais, observa-se nas falas emergidas a análise de gênero frente à assistência prestada.

O interesse demandou pela participação e exemplificação de casos vivenciados mostrando que ocorre uma sensibilização das alunas, evidenciando que o entendimento acerca da análise de gênero é necessário e como é fundamental ter contato com conteúdos temáticos e vivências na formação, na busca da prestação de atendimento com qualidade.

Assim, compreendemos que o ensino de enfermagem deve ser desenvolvido abarcando visões sócio-política, possibilitando capacidade de entender e participar de decisões e interagir socialmente, mobilizando um saber construído na interação do indivíduo com a situação. Esse saber significa ter uma visão globalizada colocando, na prática, fragmentos de diferentes especialidades combinadas com a própria experiência (PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006).

Referente ao contato teórico do gênero na formação percebeu-se que componentes curriculares trazem uma abordagem tímida, o que nos direciona a pensar na necessidade de pensamentos estruturais no currículo dos cursos de enfermagem. Tendo em vista uma formação, que preparem profissionais para compreenderem as pessoas com um olhar integral, respeitando as especificidades e singularidades, contribuindo para organização



nos serviços em saúde de espaços de escuta qualificada e atenção às distintas demandas (FLORENCIO et al., 2012).

REFLETINDO AS VIVÊNCIAS

A interface gênero, saúde e enfermagem, compõe uma construção de conhecimentos que necessitam e aparecerem como uma temática transversal para se pensar nos conteúdos teorizados durante a formação profissional, nas atividades desenvolvidas enquanto discentes e nas ações no processo de trabalho. De acordo com Ferreira e Nascimento (2004) a utilização de uma perspectiva de gênero pela enfermagem significa um repensar da prática dessa profissão, centrada em demandas específicas de acordo com a vinculação de gênero, classe social, raça, de modo a permitir uma atuação satisfatória não só para as(os) usuárias(o)s, como para a(o)s própria(o)s enfermeira(o)s e toda a equipe de enfermagem.

Nesta direção, o gênero constitui-se como uma maneira de compreender como a sociedade se organiza, como os bens e serviços colocados à disposição das pessoas podem sofrer um recorte de gênero, para entender os processos de adoecimentos das pessoas, entender as relações de poder entre as profissões de saúde e de enfermagem, perceber os processos gerenciais e a organização dos serviços de saúde, bem como

orientar a prática (FERREIRA; NASCIMENTO, 2004).

Referente a exposição das falas discentes foi perceptível que no início da vida acadêmica no curso de enfermagem, as cargas culturais, que são construídas em todo o processo de edificação dos saberes e na convivência social, são bem presentes atribuindo papéis determinados aos sexos. Corroborando Souza et al., (2014) a discência chega na formação com muitos saberes sociais imaturos, todavia, a partir do momento em que as(o)s estudantes passam a conviver com as práticas da enfermagem, práticas estas impregnadas de estereótipos, sua visão, que antes era considerada como generalizante, pode, por vezes, passar a ser cristalizada delimitando as práticas dentro desta profissão, isto se não houver uma reflexão sobre estas crenças e valores.

Ressalta-se que no contexto da enfermagem o gênero vai além das compreensões profissional-usuário, ou das relações e contexto desses, esta categoria contribui para o entendimento dessa profissão no cenário político-social, sendo importante essa percepção, pois estudos (BRITO ET AL, 2011; SOUZA ET AL., 2014) realizados sobre as questões de gênero na enfermagem, apontam práticas sexistas no âmbito da formação e da profissão e esses dados reforçam que acontece influências das



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

práticas de enfermagem do contexto de formação sobre as representações de gênero dos acadêmicos.

Ao desenvolver atividades que proporcionam a adoção da categoria de gênero na formação, percebemos que levar reflexões de saúde pautadas nessa análise, possibilita as(o)s discentes e também as(o)s docentes começarem a perceber as maneiras de suas atuações e criticamente se questionarem como em seu cotidiano podem melhorar sua prática profissional.

Logo, identifica-se que além do compromisso das(o)s futura(o)s profissionais de enfermagem com uma atenção à saúde mais justa, igualitária e de melhor qualidade, as(o)s responsáveis pela formação também devem estar inseridos nesse contexto, realizando uma prática coerente com o discurso, concretizando diretrizes curriculares comprometidas também com o futuro da profissão.

Portanto, pertence também aos formadores a tarefa de relacionar saberes, práticas e as consequências da profissão para a saúde, para a qualidade de vida e, principalmente, para o desenvolvimento de uma prática sócio-política, refletindo sobre a teoria e a prática, compreendendo-as de modo desafiador na busca pela criticidade e criatividade do enfermeiro como ser participante na estruturação social e política

das práticas de saúde (PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006).

Assim, a ênfase não deve ser numa educação voltada apenas para a transmissão de conhecimento, mas para as relações sociais, para a problematização e transformação da realidade, integrando docentes, discentes, usuárias(os), trabalhadoras(es) e profissionais de saúde no cotidiano dos serviços para a consolidação do Sistema Único de Saúde (BISCARDE; PEREIRA-SANTOS; SILVA, 2014).

CONCLUSÃO

Compreender saúde para o além do antônimo de doença é uma conceituação e ação necessária para modificar as práticas e modelos de assistência vigentes, e nessa compreensão de considerar determinantes sociais do processo saúde doença, entende-se que a categoria gênero é imprescindível para se compreender contextos históricos, sociais, e as inúmeras relações que se dão entre as pessoas, pessoas e instituições. Logo, na formação dos profissionais de enfermagem, o contato com essas percepções é fundamental para qualidade da assistência da(o) enfermeira(o).

A vivenciar rodas de conversa em um curso de enfermagem foi perceptível notar diferenças nas(o)s estudantes iniciantes e entre aquelas(es) que estão nos últimos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

períodos do curso. Aonde as marcas sociais de estereótipos são mais presentes nas pessoas que estão entrando e ainda não vivenciaram e compreenderam a análise de gênero como estratégia que deve compor o cuidado e assistência de enfermagem.

Evidencia-se que a formação profissional deve ser pensada e adotar o gênero como categoria transversal para perpassar os componentes curriculares ministrados nos cursos de enfermagem, proporcionando uma formação crítica, sensível e com qualidade para trazer resolutividade e saber lidar com as distintas demandas que as(o)s usuárias(o)s apresentem nos serviços de saúde.

REFERÊNCIAS

BISCARDE, D. G. S.; PEREIRA-SANTOS, M.; SILVA, L. B. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 18, n. 48, 2014.

BRITO, A. M. R.; BRITO, M. J. M.; GUAZZINELLI, M. F. C.; MONTENEGRO, L. C. Representações sociais de discentes de graduação em enfermagem sobre “ser enfermeiro”. **Rev Bras Enferm**, v.64, n. 3, 2011.

BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

COSTA, L. H. R.; COELHO, E. A. C. Sexualidade e a interseção com o cuidado na

prática profissional de enfermeiras. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v.66, n.4, 2013.

CIDAC; HOLLIDAY, O. J. **Sistematização de Experiências: aprender a dialogar com os processos**. Rio de Janeiro: CIDAC; 2007.

FERREIRA, S. L.; NASCIMENTO, E. R. **TRANSVERSALIDADE DE CONTEÚDOS NAS DIRETRIZES CURRICULARES: o gênero no ensino da enfermagem**. **Rev Bras Enferm**, v.57, n.1, 2004.

FLORENCIO, A.; VAN DER SAND, I. C. P.; CABRAL, F. B.; COLOMÉ, I. C. S.; GIRARDON-PERLINI, N. M. O. Sexualidade e amamentação: concepções e abordagens de profissionais de enfermagem da atenção primária em saúde. **Rev Esc Enferm USP**, v.46, n.6, 2012.

LOURO, G. L. **O CORPO EDUCADO: Pedagogias da Sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12ª ed., São Paulo: Hucitex, 2010.

MUROYA, R. L.; AUAD, D. ; BRETAS, J. R. S. Representações de gênero nas relações estudante de enfermagem e cliente: contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 64, n. 1, p. 114-122, Feb. 2011 .

PAI, D. D.; SCHRANK, G.; PEDRO, E. N. R. O Enfermeiro como Ser Sócio-Político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. **Acta Paul Enferm** 2006;19(1):82-7

PINHEIRO, T. F.; COUTO, M. T. Sexualidade e reprodução: discutindo gênero e integralidade na Atenção Primária à Saúde. **Physis**, v.23, n.1, 2013.

SOUZA, L. L.; ARAÚJO, D. B.; SILVA, D. S.; BERREDO, V. C. M. Representações de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

gênero na prática de enfermagem na
perspectiva de estudantes. **Ciências &
Cognição**, v.19, n.2, 2014.

